



Janine Puget*

Viver em desequilíbrio permanente

Janine Puget nos deixou sua coragem de pensadora irreverente naquela que foi sua última participação na mesa de diálogo “Cruzando fronteiras geracionais” do congresso virtual da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal), Fronteiras, no sábado, 31 de outubro de 2020.

O que relatamos é um extrato editado¹ de sua apresentação, com o especial cuidado de respeitar seu estilo e a força da sua palavra.

A Comissão Científica da FEPAL, gestão 2018-2020, compartilha este significativo texto de Janine Puget como mostra de apreço e de gratidão por sua contribuição à psicanálise Latino Americana.



Meu título é *Viver em desequilíbrio permanente*. Quando se faz o possível para manter o equilíbrio, eu faço o possível para alterá-lo e criar desequilíbrio. Eu gosto do desequilíbrio.

A esta altura, em suas mentes, devem flutuar emoções, um torvelinho de palavras, de ideias que aludem aos passados, presentes e futuros possíveis. Navegando entre o possível e o impossível. Quando o múltiplo enche a cena, aí talvez o poético assome.

Já caberia começar a profanar o sagrado pensando juntos. Os futuros são inapreensíveis, acompanham as leituras. A poesia não tem fronteiras. Nem as têm as gerações. *Fronteiras* não corresponde ao dicionário de psicanálise. Vocês têm um congresso que se chama *Fronteiras* e é uma confusão. É já uma cartografia que eu chamo obsoleta.

Hoje caminhamos e vamos gerando situações no presente, com futuros que se perdem ao longe e brincam de esconde-esconde. E não nos afeta a presença do outro. Em que pese saibamos de sua existência, isso não implica, necessariamente, que se inicie um diálogo. Talvez sim, talvez não. Conversamos, escutamos as vozes do outro, vozes que nunca nos são indiferentes.

Escutamos essas vozes ainda que nunca saibamos da vida do outro, das famílias, porém, nada disso tem a ver com as fronteiras, mas apenas com a percepção dos limites esfumados de uma relação que não tem bordas, porque não as necessita.



* Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires.

1. Transcrito e editado pela Comissão Científica Fepal 2018-2020 (Elizabeth Chapuy, Helena Surreaux, Leda Herrmann, Cecilia Rodríguez, María Luisa Silva e Mauricio Zulian). Traduzido do espanhol por Helena Surreaux.

Hoje me visita uma imagem, é a de Marcelo Viñar chegando de bicicleta a um café em Paris, quando lhe apresentei René Kâes para ver se escreveríamos um livro juntos. Eu aí atuava como local e Marcelo defendia o sol de Montevideú. Produziu-se um momento memorável, diluíram-se as fronteiras, nasceu o afeto e houve um encontro.

Não importa o que, não importa o tempo, porém com meu marido – quando voltamos para casa – sabíamos que algo tinha acontecido.

Um encontro não necessita tempo linear, necessita tempo *aiônico* ou *kairosano* e isso nós tivemos. Não sobrou tempo, nem faltou. E espero, no transcurso deste congresso, que a ninguém tenha faltado a tão necessária disponibilidade de escuta, nem a possibilidade de estar entre outros e poder dizer o que quer, sem tampouco usar o pensamento crítico em excesso.

Descobrir sobre em quantos mitos obsoletos seguimos apoiando-nos. Hoje, talvez tenhamos uma salada de palavras, de ideias, de aberturas; algo sairá disso e espero que não se tenham reforçado mitos obsoletos que fechem a porta da curiosidade. Então, surgem as famosas frases: “se tivesse mais tempo, leria...” Não se pode doar tempo a ninguém; se diz o que se pode e se deixa aos ouvintes ir pensando seus próprios relatos. Isso requer tempo, vontade e respeito no contexto das lógicas de produção subjetiva. Requer-se, sobretudo, uma curiosidade ativa. E se tudo isto se conjuga, no melhor dos casos, cria-se inconsciente.

Um inconsciente vivo, ativo, que produza organizadores novos, profanando mitos. Um deles, para mim é, por exemplo, o famoso *complexo do semelhante*, que Freud, em 1895, terminou por nos arruinar com a insistência na semelhança e na possibilidade de fazer algo com o não conhecido, com a realidade externa e com o que não tem passado.

A identificação matou a alteridade, a estranheza e a noção de alheio. Por sorte, há muitos de nós e – bem ou mal, cada um à sua maneira – , estamos tratando de lhe dar seu lugar. Sei que tocar em um tema como o *complexo do semelhante* neste momento do congresso pode ser complicado ao convidá-los a destronar o conceito de *identidade* sem saber com que substituí-lo. Pelo menos poderemos nos permitir, talvez, não dar tanta importância a frases como: “eu te entendo, porque me acontece a mesma coisa”; e, quem sabe, permitir-nos ainda abrir a mente e deixá-la perfurar-se com o estranho, com o novo, com o que não existia, com o que não sabemos do que se trata. Mesmo que esse trabalho implique também em destronar o conceito de *identificação*, que tanto serviu e continua servindo nos textos psicanalíticos, e aceitar que vivemos em 2020, tempo em que vêm sucedendo fenômenos que não têm nome, nem história, nem passado. Os nomes são colocados pelos puros presentes, e muitos dependem, à primeira vista, da tecnologia, da internet e das criações que surgem a partir da internet.

Se for realmente certo que vivemos em diferentes espaços, nos quais se superpõem sóis de distintas origens, por que tratar de uni-los, de articulá-los harmoniosamente quando seu valor é precisamente criar o heterólogo? Vale dizer que os seres humanos se recusam a tolerar que algo não se articule com o outro. Eu tenho a esperança de que em um dos futuros que vão se criando, nós possamos tolerar viver em desequilíbrio permanente, como acrobatas. Sentir que o passar acrobaticamente de um espaço a outro é uma das riquezas de nossas vidas. Talvez a vida se forme em um espaço lúdico.

Em síntese, quanto mais nos distanciamos cientificamente, Marcelo e eu, mais tem se enriquecido o espaço de encontro. Desde o café em Paris a este espaço sem limites surgiriam muitas ideias. Esse é um futuro possível, aleatório.

Peço-lhes, não agradeçam mais, não nos mostrem que trabalharam muito, isso fazem os pais: “tudo o que eu sofri, tudo que me custou criar e agora tu me deves”. Não, não devemos nada a ninguém. Se vivemos um bom momento, isso é o importante. Entretanto, há que ter vontade e vontade de viver um bom momento.

A fala livre de Janine Puget se encerra aqui. A partir do próximo parágrafo, as intervenções de Puget fazem parte do diálogo que se estabeleceu com os demais participantes da mesa: Marcelo Viñar, Paulo Dragotto e Aline Wageck.

Assim, não há, necessariamente, uma continuidade linear. Ainda assim, pela força de suas palavras, optamos por transcrevê-las, tal como ocorreram no momento do Congresso.

Ter ideias diferentes, enfoques completamente diversos em psicanálise, não quer dizer que se tenha que brigar; o que importa é um diálogo que enalteça as diferenças. Alguns põem o acento sobre o harmonioso, outros já o fazem sobre o diferente, outros não sabem o que fazer com o diferente e o transformam em briga, outros ainda, já colocam o acento em outros temas. Creio que hoje, um dos conflitos graves da humanidade é que não sabemos o que fazer para dialogar e escutar algo que não é o nosso familiar. Se não é o nosso, ou não é bom, ou, em contrapartida, temos que adotá-lo.

Interessa-me que recalquemos as diferenças entre uma psicanálise e outra. A ideia de que podemos chegar a harmonias, na realidade, é como tapar o sol com a peneira. Todos que marcam pontos de diferença me abrem a cabeça, todos os que me repetem o mesmo e me agradecem muitíssimo pelo que eu fiz, me aborrecem.

As diferenças geracionais não são por idade. A questão é: a que chegamos quando escutamos um paciente? A que consigam completar, a que harmonizem, a que descubram os segredos escondidos? Ou, a que possam construir a partir do novo, o que não estava antes e que requer esforço?

Um tema muito forte, muito difícil de trabalhar é o que quer dizer diferenças: Que não sejam binárias? Que são múltiplas? Diferenças com maiúsculas? Este é um tema que não vamos tratar hoje porque é muito complexo e muito profundo, porém merece que todos os psicanalistas falem de diferenças. As diferenças são absolutamente necessárias; não podemos ter a mesma vista aqui e lá, e temos que fazer algo com a clínica. Quando um analista diz: “isso é o mesmo que aquilo”, então alguma coisa falhou. Eu também digo isso às vezes e quando me acontece penso que algo falhou, que algo eu não entendi. Então, eu colocaria como tema para um encontro, não para um congresso, mas para uma discussão: O que entendemos por diferenças do ponto de vista filosófico, do ponto de vista epistemológico, a partir de todos os pontos de vista? Assim, a psicanálise poderia se enriquecer. Diferenças têm que ver com ignorância, com descobrir a ignorância, com um pensamento crítico acerca das diferenças. Que fazemos com as diferenças? Aplainamos, tornamos complexas? Tudo isso é complicado se usamos a palavra *diferença* em psicanálise. Há que usá-la bem, ou senão, façamos como fez Freud desde o início e deixemos por isso mesmo.

É importante aprender a dialogar a partir do dissenso. Aprender a escutar o que é diferente e não negá-lo. E não voltar sempre ao *Princípio do prazer* ou ao *Mal estar na civilização*. Isso já passou. Porém é muito difícil aceitar algo que não se pensou sem acreditar logo que tenha algo conhecido. Não devolver o que já nos deram, mas criar algo novo. Não é o que eu disse, é outra coisa! Outra coisa que nasceu da diferença. Então, haveria que aprender a deixar nascerem elementos novos, não conhecidos. Acontece com a tecnologia, acontece com um bebê que usa um Ipad e dizemos: mas como sabe! Ele sim sabe, porque nós não aprendemos. Aceitar que se pode aprender de alguém a quem ensinamos e que agora sabe o que não sabemos é uma ferida narcísica para os pais. Porém, esse é um assunto muito extenso e complicado e requer estudar muito de filosofia, epistemologia, muitas coisas, para poder admitir que alguém nos diz algo que nós não pensamos.

Não sou uma dama, sou uma senhora pensante que se irrita quando lhe dizem: “isso se parece a algo que eu havia pensado”.

Que haja possibilidade de se assombrar, de chamar a atenção de que a novidade existe e que nos desloca. Isso é fundamental para mim. Há psicanalistas que dizem: “Isso acontece porque tal coisa” Bem, aí tem um ponto obscuro para mim.

É um erro pensar que atender ao padecimento do outro é atender algo parecido com o próprio padecimento. Cada sofrimento é diferente. Experimentamos assombro porque não o entendemos. Não se movem com as mesmas pautas e nós queremos entendê-las como se fossem as mesmas.

Quando digo que o *Mal estar na cultura*, por exemplo, pode estar caduco hoje em dia, é porque os analistas começaram a trabalhar o social a partir do singular, pensando que abrindo o círculo, abrindo o mapa caberiam todos os dados. Mas, não! São ferramentas novas! Não se pode fazer um bolo de chocolate com sal. Bem, talvez sim, sou má cozinheira. Há coisas que não podem ser feitas se não se têm os ingredientes. Alguns de nós não têm os ingredientes, porque não nos ensinaram quando nascemos. Hoje em dia, há ingredientes que não conhecemos e deveríamos ter certa humildade para aprender; não para dizer que é muito parecido ao que eu fazia. Muito parecido não é, há algo que é novo. A tudo o que é novo se passa uma mão de verniz dizendo que é parecido. Não, não foi criado por nós. O mundo criou novos meios, novas formas de pensar, novas maneiras de se relacionar. Nós dizemos que não há intimidade na sexualidade hoje como havia antes. Não, não está mal, só que é diferente. Perdeu-se certo pudor porque não o necessitam, porém intimidade têm. Haveria que defini-la novamente.

Teríamos que escrever sobre intimidade, coisa que fiz muitas vezes, mas não estou me vendendo; digo que: cada vez que me encontro com algo novo as ferramentas que tenho não me servem. Vocês muitas vezes dizem: “Freud já disse isso”. Sim, Freud disse, mas com os instrumentos daquela época, não com os atuais. Os instrumentos atuais, temos que aprender a conhecer ou, no caso, que as crianças nos ensinem a usá-los. Quantos pais pedem aos seus filhos que lhes ensinem a usar o Ipad? E os filhos se incomodam: “por que me pergunta se você já sabe?” Claro, nós nos vendemos como gente que sabe. Entretanto, eles descobrem que não apenas não sabemos, mas que ainda por cima lhes pedimos que nos ensinem. Há muitas coisas para fazer, porém, por enquanto começemos com nossa humildade de conhecer e não dizer que o que temos já o tínhamos, porque não tínhamos.

Aqui está acontecendo um fenômeno que não conhecemos, que Freud não conheceu, nem tinha porque tê-lo conhecido. Não tinha acontecido ainda a bomba atômica, nem a revolução filosófica de Einstein. Aconteceram coisas inverossímeis para as quais não temos nomes, então o que fazemos é dar-lhes um nome e, mais ou menos, acomodamos as dificuldades que nos trazem essas situações. Se não, nos sentimos velhos. Eu não me sinto velha nem jovem, mas me sinto sem a capacidade de inventar o que fazer com esses desconhecidos ou não conhecidos para os quais não tenho ferramentas. E por isso acredito que o infantil é o construtivo. A uma criança lhe damos quatro palitos que não tinha antes e com isso constrói uma casa. Ele não diz: “ah, me falta tal coisa...”. Não, ele com as quatro varinhas cria. Por isso, o infantil é o criativo. A ideia é estar questionando todo o tempo como lemos, com que óculos vemos, com que ouvidos escutamos o que nos dizem. E como é difícil, para nós, escutar uma nota nova. Algo anedótico: Eu gosto muito de música e nesse momento, talvez, Mozart me entedie, prefiro o *rap*. De *rap* não entendo nada porque não foi da minha geração, porém é algo novo. Quanto ao outro, já sei como vem, pois é da minha geração.

Se ficarem pensando no que eu digo, é valioso. Para mim o mais rico de um encontro é quando gera vontade de fazer algo. Se ficar a vontade de fazer algo, já está tudo bem. Se tiverem dúvidas, se estão com vontade de pensar, podem pensar onde quer que seja ... na cozinha, no banheiro, mas pensem! Não está tudo resolvido e não vamos resolver tudo, porém, pelo menos fica a abertura. Tantas coisas podem ser feitas em cinco minutos.

O que eu gostaria é que saíssem com dúvidas e com vontade de pensar. Se me dissessem que mais ou menos entenderam tudo, eu me iria tristíssima.